

revista
brasileira
de estudos
em dança

Dançar. Tocar. Mover.

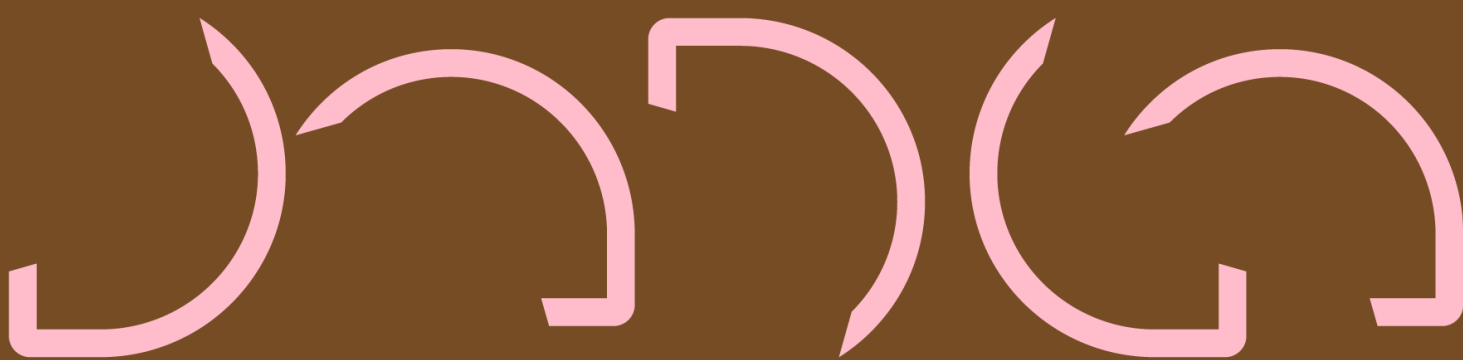
Coisas que surgem do nosso
envolvimento mútuo.

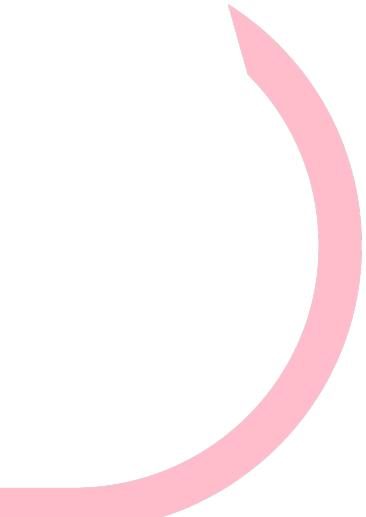
Maria Helena Franco de Araujo Bastos

Giancarlo Martins

Yara dos Santos Costa Passos

Bastos, Maria Helena F.A; Martins, Giancarlo; Passos, Yara dos Santos C. Tocar. Mover. Coisas que surgem do nosso envolvimento mútuo. **Revista Brasileira de Estudos em Dança**, 03(05), p. 03-14, 2024.1.





Dançar. Tocar. Mover. Coisas que surgem do nosso envolvimento mútuo.

Maria Helena Franco de Araujo Bastos (USP)¹

Giancarlo Martins (UNESPAR)²

Yara dos Santos Costa Passos (UEA)³

¹ Artista da dança, pesquisadora, docente do Departamento de Artes Cênicas/CAC da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Título de Livre Docente pela ECA/USP. Vice-Coordenadora do PPGAC. Coordenadora do Laboratório de Dramaturgia do Corpo/LADCOR da ECA-USP. Co-fundadora do Grupo Musicanoar (1992). Co-fundadora da ANDA e integrante do Movimento a Dança se Move. E-mail: helenahelbastos@gmail.com

² Artista da Dança, professor e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Artes e das Graduações em Dança da UNESPAR/FAP. Doutor e Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Integrou a equipe de pesquisadores do Programa Rumos Itaú Dança e colaborou com Enciclopédia de Dança do Instituto Itaú Cultural. Co-coordenador do Comitê Dança e Política – ANDA. E-mail: Giancarlo.martins@unespar.edu.br

³ Artista, Corpa da floresta, pesquisadora, docente do Curso de Dança da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e colaboradora no mestrado profissional Profartes (UFAM/UEA). Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC/SP), Mestre em Performance Artística-Dança (FMH-UL). E-mail: ycosta@uea.edu.br

Este Dossiê vai se movendo na perspectiva de elaborarmos uma reflexão circundada pelo tema “Dança e Política”. Nesta proposta, entendemos a dança como um ambiente sistêmico e dinâmico, suscetível às circunstâncias que a influenciam n(d)as informações que deste encontro vão surgindo e contaminando entre si. Ao longo do dossiê, seremos convidados a explorar uma gama diversificada de pensamentos sobre dança, que, através de diferentes perspectivas, nos oferecem formas de coexistir e, por que não, co-habitar este mundo. Assim, nos conectaremos às realidades possíveis a partir de distintas abordagens d(n)a produção de conhecimento no campo da dança. Desse modo, lançamos uma interrogação sobre uma questão que nos implica: Como a dança pode abrir outras possibilidades de existência que nos surpreendam e promovam deslocamentos em nossas coexistências? De que maneira tais moveres podem articular reflexões sobre um mundo múltiplo e divergente, visando conexões que enriqueçam a convivência entre as multiespécies?

Dessas inquietações, surge a pergunta sobre quais estratégias podem ser acionadas para estabelecer diálogos que nos permitam aprofundar uma escuta na elaboração de pactos que nos desloquem para além de nós mesmos, em direção ao outro e à outra. Essa relação transcende a interação humana, abrangendo também tudo que habita este mundo enquanto manifestações de vida que incluem pessoas, florestas, pedras, animais, ideias, poemas, canções, danças, questões climáticas, histórias, comunidades, aldeias, cidades, olhares, sorrisos, choros, abraços, bordados, corpos, olhos no horizonte..., criando uma cidadania ampliada, que contemple a complexidade das relações entre as diferentes formas de existir.

Diante disso, é imprescindível refletir sobre o verbo “conviver”. Nesse espaço de convivências, destacamos a ideia de “tocar”, entendida como uma ramificação de relações e uma forma de prestarmos contas uns aos outros. A cientista Donna Haraway nos provoca ao afirmar que “prestar contas, cuidar, ser afetado e assumir responsabilidades não são abstrações éticas; são as coisas mundanas e prosaicas que surgem do nosso envolvimento mútuo” (Haraway, 2022, p. 58).

Assim, disponibilizar-se para vivenciar sentidos de alteridade apresenta-se como uma estratégia vital para enfatizarmos, em dança, outros modos de estar próximos nesse tecido plural que entrelaça diversas vidas. Ao refletirmos sobre alteridade, indagamos sobre os deslocamentos que convocam a busca por caminhos comuns e/ou possíveis, mesmo diante das diferenças que nos constituem. É preciso esperar.

A partir dessas perspectivas, uma estratégia é compreender o corpo como condição em suas múltiplas acepções de existências da Política. Neste contexto, a categoria do Político deve ser encarada como um fenômeno visceral e estético, afastando-se das lógicas hierárquicas e das hegemonias tradicionais. Assim, ela emerge como um campo de pluriversalidades, orientado para o bem comum de todos os seres, considerando seus aspectos epistêmicos, ontológicos e éticos.

Dentro desse direcionamento, as pesquisas em dança, ao incorporarem diferentes perspectivas, podem contribuir significativamente para reflexões que propõem estratégias de coexistência e convivência, bem como para a produção de conhecimentos no campo da Dança. Diante das diversas formas de criação nessa linguagem, que políticas específicas emergem? Como podemos transformar essas políticas em ações efetivas no campo da dança?

Outro aspecto que precisamos considerar é se tudo é político, devemos ter cuidado para não banalizar o termo "política". É essencial aprofundar nossas discussões sobre o Político para identificar que tipo de política está, de fato, capturando as danças. Assim, interrogamos nossa responsabilidade nesse contexto: que danças estamos ou podemos fazer hoje? Que futuros coletivos se tornam possíveis? Como podemos imaginar esses deslocamentos e as conexões que surgem a partir dessas inquietações? Isso se dá considerando a diversidade, os contextos locais e as especificidades de todas as formas de vida.

Nesse panorama, reconhecemos também que estamos formando corpos-epistemes, onde o conhecimento se manifesta em diferentes formas. Não podemos esquecer ainda que a oralidade é um aporte fundamental para essa construção, assim

como o movimento em dança, que nos lembra constantemente que o discurso é ação, mover com propósitos.

Convidamos o leitor e a leitora a mergulhar nas reflexões apresentadas, que vão se processando como prismas, irradiando a complexidade da linguagem da dança nas imbricações de seus contextos e condições. Soma-se ainda a compreensão de dança, entendendo-a como um campo expandido, uma vez que na contemporaneidade as fronteiras estão cada vez mais borradas, e conseqüentemente, seus entendimentos vão se expandindo.

Nessa condução, cada texto nos evidencia um olhar singular no cuidado de alinhar dança e política. Nesse fluxo, sinalizamos uma organização evidenciando caminhos que podem ser vistos como arabescos que se elevam em espirais, aprofundando certos temas, enquanto em outras partes se abrem para novas possibilidades. De forma abrangente, este dossiê-revista revela um vasto espectro de realidades em dança em diálogo com ideias que nos deslocam quando articulamos com política. Não à toa, sugere-se que muitas são as trajetórias a serem exploradas. Nessa condução, propomos sete aglutinações por captarmos proximidades nas temáticas dos artigos expostos neste espaço.

A partir desses apontamentos propomos um caminho inicial agregando sete textos por entendê-los enquanto reflexões que problematizam o **ato de criação como potência de singularidades** em distintas ênfases.

Abrimos com **Vários corpos em um só: nuances poéticas e políticas e a análise das obras de La Ribot** de Tais Chaves Prestes e Francisco de Paulo D'Avila Júnior. O presente artigo propõe uma análise da importância do corpo feminino nas obras da dançarina e performer espanhola La Ribot, enfatizando sua audácia, carga política e materialidade diversa. Como artista, La Ribot desafia as convenções tradicionais da arte contemporânea por meio de uma abordagem multidisciplinar. Sua habilidade em fundir diferentes técnicas e mídias questionam a categorização e convidam à reflexão sobre as complexidades da experiência humana.

Autoeducar-se, reinventar-se, resistir...criações estéticas e políticas com a dança contemporânea de Cláudia Madruga Cunha e Daniella da Costa Nery. As autoras nos provocam explicitando que é por meio da arte que podemos lidar com nosso desfazimento, fazendo com que esse sintoma disruptivo seja um modo de resistir à nossa própria eliminação dos sentidos e sua reelaboração. Daí a necessidade de problematizar a relação entre corpo e linguagem. Afinal, a linguagem com seus símbolos, signos, significações, é que vai definindo modelos de pensar e agir.

Seguindo nessa trilha, trazemos **Regimes do agora: monstrosidades, dança e política** de Marcos Katu Buiati. O autor nos provoca enquanto criador de dança que vive, pesquisa e trabalha nesse contexto, com a pergunta: o que a dança tem a criar no~com~sobre o agora? Que monstros foram agenciados nesses processos desvitalizantes vivenciados em nosso território nos últimos anos? Dessas inquietações, o artigo reflete sobre o encontro dos monstros com a dança pela chave da política.

Com outra perspectiva, propomos o artigo **A improvisação como forma de insurgência** de Rosa Hercoles. Discute as estratégias da improvisação como um ato insurgente, abordando-a como uma habilidade cognitiva para a solução de problemas. A autora destaca as diferenças entre ações cotidianas e artísticas, considerando as relações entre os corpos e seus contextos, no sentido de observar que comportamentos cognitivos não estão imunes à ordem biossocial estabelecida e construída pelo macrossistema. Analisa ainda a história da improvisação nos movimentos artísticos ocidentais, especialmente na dança, e reconhece a influência do balé romântico e da dança moderna na formação do corpo dançante no Brasil.

Outro caminho é a proposta do artigo **Interseções do feminino e o ballet clássico: as demandas de feminilidade nas bailarinas ao longo dos séculos** de Ana Luiza de Moraes Gheller, Marina Peripolli Antoniazzi e Félix Miguel Nascimento Guazina. A reflexão nos sinaliza como foi sendo construída uma concepção de mulher no *ballet* clássico, em períodos passados, a partir dos ideais e imaginários masculinos. O texto produz uma reflexão sobre o que permaneceu dessas ideias apresentadas até os dias atuais. Nesse

percurso nos convocam sobre quais são os aspectos requisitados das bailarinas nos séculos XX e XXI? Afinal, quem é a mulher na cena atual do *ballet* clássico?

Finalizamos este agrupamento com dois textos que se contaminam da perspectiva sobre o pessoal é político. De maneiras diferentes, mas próximas, os autores enfatizam que a fala de uma pessoa nunca é isolada. Primeiramente, trazemos a artista e pesquisadora Vanessa Macedo na reflexão **Narrativas de si: um ato político nas obras cênicas de mulheres**. A proposta discute a implicação entre o pessoal e o político, analisando práticas dramatúrgicas que estudam as narrativas individuais. Tais ações são examinadas através das obras apresentadas na mostra artística “Mulheres em Cena”, transversalizando discursos sobre corpo e feminismos. Ao longo da trajetória das diversas mostras realizadas, busca-se na expressão “O Pessoal é Político” fundamentos que contribuam para a ampliação do conceito de política.

De outra perspectiva o autor Davidson José Martins Xavier com o texto **Geolocalizando o artista: pontos cardeais de uma pesquisa em dança guiada pela prática artística autobiográfica nas Artes Cênicas** propõe o processo criativo de uma cena, realizadas durante a disciplina “Corpo, práticas feministas e dramaturgias de testemunhos”. Elege sua criação cênica em dança para narrar experiências autoficcionalis a partir de elementos testemunhais e documentais. Nessa investigação tecida pela prática artística, temas norteadores são explorados para criar dramaturgias, coreografias e ações performáticas.

Ao abrir este leque propomos outro percurso sublinhando **Dança n(d)as implicações mútuas** com dois textos. Nessa trilha, sinalizamos Jonas Karlos de Souza Feitoza com o artigo **Estudos contemporâneos em dança: relações mútuas de cooperação dos corpos na cena**. O autor apresenta estratégias de cooperação na ação artística e pedagógica no campo da Dança a partir da prática como pesquisa. Na medida que adentramos em seu texto, evidencia-se que no contato do corpo a corpo dos estudos contemporâneos em dança, ou, nos passos de uma dança de

parceria, a experiência vai além da observação estética, explicitando ações compartilhadas em um fluxo inestancável.

Outro artigo é **A Política do Corpo na Dança de Salão: gênero, disciplina e pedagogia nas pistas de baile** de Carolina Polezi e Débora Reis Pacheco. As autoras nos provocam salientando a importância da Dança de Salão que envolve mais do que movimentos coreografados e interações sociais superficiais. Nas palavras das autoras, é uma manifestação complexa de discursos e poder que moldam a subjetividade dos indivíduos e refletem as estruturas sociais mais amplas. A Dança de Salão é um espaço onde se desenrolam processos de disciplinarização, controle social e performatividade de gênero, atuando na formação de identidades e comportamentos.

Outro rumo vai se alinhando com **políticas identitárias e afirmativas** a partir de cinco textos. **Quando insolentes dançam...** de Gilsamara Moura une quatro experiências em dança compartilhadas por artistas-pesquisadoras. O objetivo é apresentar processos de criação enredados aos conceitos de insolência, insurgência e insurreição. Nessa condução, entramos em contato com quatro experiências. A experiência 1, *Partilhas Insolentes–Aweté Katu*; a experiência 2, *Quando insolentes dançam...*, tema do Festival Internacional de Dança de Araraquara 2022, é uma homenagem dos curadores Gilsamara Moura e Ailton Krenak à Pinar Selek; a experiência 3, *Insolência 5: eu amo dançar com as maneiras de dizer as coisas*, é uma obra em processo; e *Insolência 4: o sentimento de que tudo é possível*, criação em residência que une artistas dos países Brasil, Paraguai, México, França e Palestina.

Outra abordagem vem com **O uso dos 3F's - feeling, flow, flava - como sistema de análise étnico - estético em dança: produção de conhecimento no Hip Hop a partir do Breaking** de Ifádámiláre Ọ̀jẹ̀yímiká / Louise Lucena de Oliveira e Maria de Lurdes Barros da Paixão. As autoras abordam o *Breaking* como meio profícuo de produção de conhecimento e o uso dos 3F's - *Feeling, Flow e Flava* - como sistema de análise étnico, ético, histórico, social e estético em dança. Nas palavras das autoras a episteme do *Breaking* passa pela luta existencial negra que se

reatualiza a cada instante. Nessa linha, defendem um modo de acontecer e produzir conhecimento ancorados em saberes, fazeres e cosmopercepções africanas, indígenas e afrodiaspóricas. Contemplam todo campo de diversidade possível, operando não por similitude e reprodução e sim por diferença e plurissignificações.

Conectado com as políticas migratórias, surge **Dançar para me tornar sujeito: como as pessoas migrantes se fortalecem a partir de práticas culturais** de Nilen Lizeth Vergara Cohen. O texto expõe uma série de reflexões suscitadas a partir da condição de ser migrante no Brasil. A autora expõe sua trajetória com o coletivo de danças colombianas *Prende la vela*, do qual faz parte, e da videoarte *Você quer saber mais de mim?* Destaca a fragilidade das políticas de defesa dos direitos das pessoas imigrantes. Ela aponta as limitações cada vez mais recorrentes nos direitos políticos, sociais e individuais impostas pelas políticas migratórias, além de traçar um panorama das diversas manifestações de xenofobia.

Com outra abordagem, apresentamos **iLhas: poéticas e políticas entre danças, cidades e mulheres** de Clara Gouvêa e Lilian Freitas Vilela. Propõe uma reflexão na sua pesquisa em espaços urbanos e suas relações entre cidade, corpo, dança e performatividade. Nesse recorte é trazido para análise a vídeo-performance *iLhas* (2021) de Marina Guzzo junto a um coletivo de mulheres na região da Baixada Santista (SP). Diante desta perspectiva entre dança e política, o artigo procura aproximar as investigações da pesquisa de doutorado das reflexões geradas na proximidade com os estudos de uma cênica feminista e dos estudos descoloniais.

Fechando este percurso, abordamos **Dança e Política: Tensões e Argumentos** de Juan Ignacio Vallejos, a partir da reflexão de como uma dança se torna capaz de expor uma posição política. Nesse fluxo, como a presença e o movimento de um corpo no espaço podem explicitar outras formas de entender a política? As respostas a essas questões são diversas, mas todas exigem uma ampliação do conceito de política em sua acepção tradicional. Neste artigo, o autor examina a dança como uma poderosa

estratégia de mobilização política, problematizando assim sua potencialidade em um contexto mais amplo.

Nesses caminhar, conectadas pelo tema **dança e saúde** reunimos dois textos. Inicialmente, uma proposta enquanto uma travessia teórica dos conceitos de pele e toque até o conceito de hapticalidade proposto pelas pesquisadoras Ana Luiza Azevedo Dupas e Marina Souza Lobo Guzzo intitulada **Uma travessia conceitual da pele à hapticalidade**. Nesta investigação-travessia interdisciplinar, foi adotado o método cartográfico, e propostos estudos, práticas corporais e interlocuções teóricas, com o intuito de aproximar-nos do conceito de hapticalidade. A Eutonia é o chão para esta escrita acontecer, por meio do processo de criação em si (de si), pois envolve outras descobertas. Nesta condução, entende-se dança como produção de conhecimento político. O corpo que dança, que se movimenta, não é apenas um corpo "eutônico", e saudável, mas um corpo político, relacional.

Uma outra abordagem é **Dança Movimento Terapia (DMT): uma análise de sua aplicação no acolhimento de mulheres em situação de vulnerabilidade** proposto por Jhonatan Moreno F. Grossi, Janinne Barcelos, Frederico Ramos Oliveira e Marcel Garcia de Souza. Dança Movimento Terapia (DMT), uma prática psicoterapêutica sob o viés em dança que, discute o que caracteriza tal abordagem, a formação profissional e a estrutura dos atendimentos, considerando sua aplicabilidade no atendimento de mulheres em situação de vulnerabilidade. Considerando o objetivo proposto, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, básica, com abordagem exploratória e descritiva.

Abre-se uma outra aglutinação por caminhos que em certa medida vai tecendo ambientes entre **dança, política e educação** dois textos. Abrangendo esta aglutinação apresentamos **Cinesferas partilhadas: do espaço individual ao espaço coletivo** de Vivian Vieira Peçanha Barbosa Apresenta-nos uma reflexão a partir da noção de cinesfera partilhada, que vem sendo elaborada pela autora em suas experimentações com o Sistema Laban em ações de ensino, pesquisa e extensão em dança desde 2013. Aborda o conceito de cinesfera advindo da Corêutica Labaniana, bem como apresenta e discute seus desdobramentos a

partir de estudiosos e artistas como Monica Allende Serra, Ciane Fernandes e William Forsythe, que especificaram formas próprias de uso do conceito em suas investigações e práticas artísticas e pedagógicas.

Como penúltima abordagem trazemos um relato de experiência intitulado **Movimento como inscrição no espaço: coreografia ou improvisação?** de Ludmila de Almeida Castanheira. Relata-nos estratégias de criação que emergiram no ambiente de restrição imposto pela Síndrome Sanitária Mundial no contexto da COVID-19. Apresenta-nos a criação de "Um Metro e Meio", trabalho realizado pela CED - Cia Experimental de Dança. Esta proposta surgiu como possibilidade ao cenário desafiador que enfrentávamos enquanto artistas e educadores. A discussão vai delineando uma movimentação corporal a partir de medidas milimetricamente estabelecidas, bem como a mobilidade do corpo em espaços restritos.

Findando este dossiê-revista apresentamos **três ensaios. Companhia Aérea de Dança: uma proposta de resgate da corporeidade negra na Dança de Gafieira Carioca** de Paula Alvarenga Otero. Apresenta como foco nessa discussão uma reflexão sobre possibilidades de aguçar a Dança de Gafieira e suas potências como linguagem. Propõe diálogos com o pensamento e as algumas práticas de criação e pedagógicas do coreógrafo e dançarino João Carlos Ramos e sua Cia. Aérea de Dança, a partir da animação de um *esqueleto vibrátil*. Nas palavras da autora “na cidade do Rio de Janeiro, os corpos negros e seus gestos – carga ancestral, ossos, carnes, pele e energia vital – têm, apesar das conquistas, sofrido sistemáticas tentativas de apagamento e de esquecimento”.

O segundo ensaio vem para somar uma importante discussão sobre a distinção entre Arte e Cultura, um debate intenso que muitas vezes invisibiliza os trabalhadores da Dança cênica profissional. Neste espaço, buscamos analisar como essa compreensão pode obscurecer a importância e a relevância das práticas artísticas quando sublinhamos a dança cênica profissional. Quem nos propõe tal problema é o pesquisador Sandro Borelli com o texto “**Arte e Cultura - Separação necessária e urgente**”.

É fundamental destacar que o campo da Cultura abrange manifestações significativas que espelham as particularidades locais e reconhecem tradições que se consolidam nas travessias de distintas temporalidades, envolvendo uma diversidade de pessoas e contextos. Não somente isso, há tradições que são fundamentais para manter uma história cujas temporalidades se mesclam entre presente, passado e futuro. No entanto, ao referirmo-nos à dança cênica — que se caracteriza por inovações na linguagem e na produção artística — é evidente que o argumento de que "tudo é cultura" pode diluir as especificidades dessa linguagem, tornando-a indistinta no discurso cultural.

Por isso, acreditamos ser imprescindível enfrentar essa discussão. Acoplar a dança cênica a uma ramificação da Cultura pode aprisionar sua especificidade, espremendo-a entre as particularidades de outras manifestações e distanciando-a de sua relevância implicada com produção de conhecimento sob o viés de expandir os horizontes. Neste Dossiê, convidamos todos a refletir e debater essas questões de forma crítica. Não pretendemos apresentar uma solução, porque não seria o caso, mas enfrentar tal discussão.

Fechamos este Dossiê com as autoras Mirela Lima de França e Mirella de Medeiros Misi que propõem “**Um ensaio de Dança**” como uma roda de conversa ou, especificamente, uma roda de samba. Elas nos sacodem sobre a ideia de como a diversidade e a circularidade, permitem expor todas e todos no mesmo nível, enquanto estratégias estruturantes. Nas suas palavras, uma roda, para ser boa, pede por mais gente. Assim, elas vão nos convocando contribuições da ciência institucionalizada e de autores canônicos, mas, numa experimentação de atualização e democratização acadêmica sob bases contracoloniais. Nesse fluxo, o elenco e suas manifestações precisam ser diversos como saberes compartilhados com autoridade por quem veio antes, que são assimilados e corpados pela pesquisa em andamento. Nas palavras das autoras “Na carreira de bailarina, ensaia-se mais do que se está em cena. Ensaiar é preciso e compõe, junto com aulas de dança e atividades de manutenção física, o dia a dia simplificado da profissão. Se estar em cena é o momento que justifica o

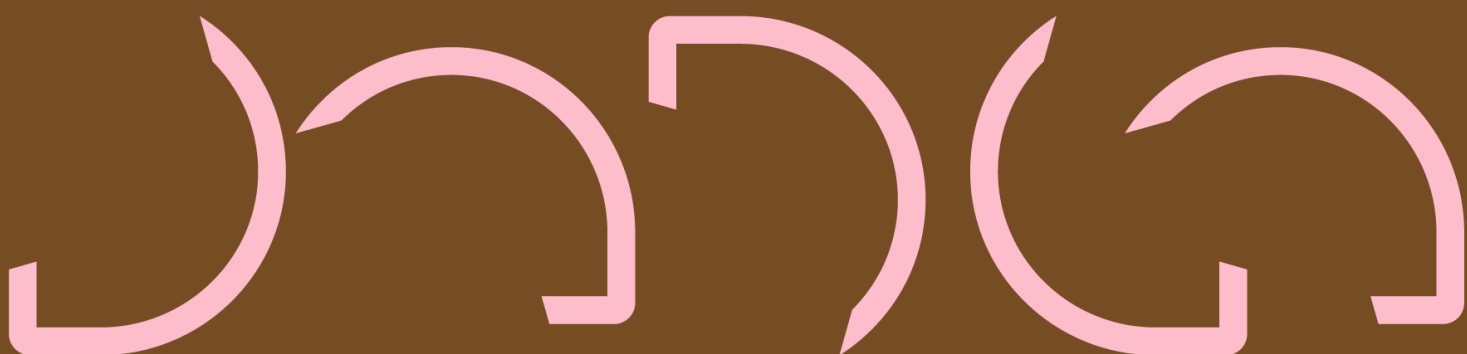
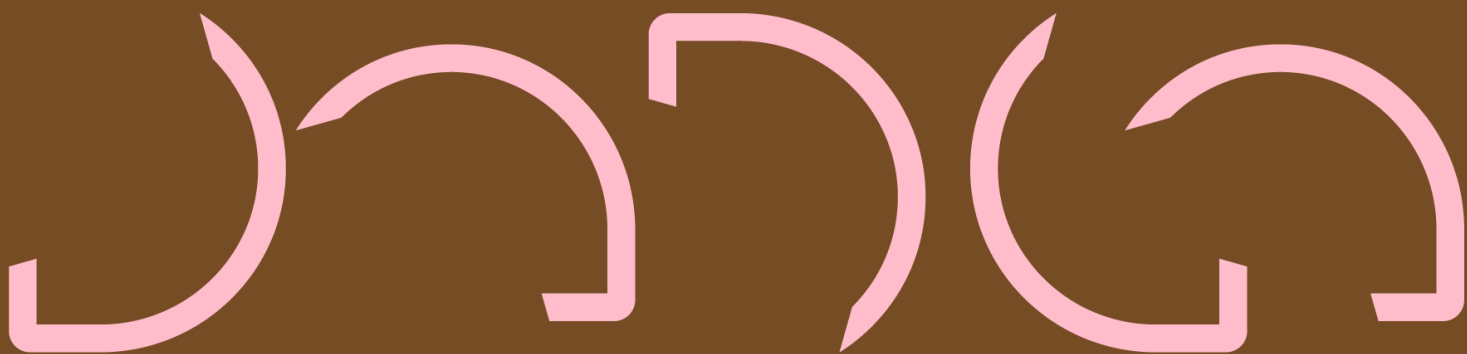
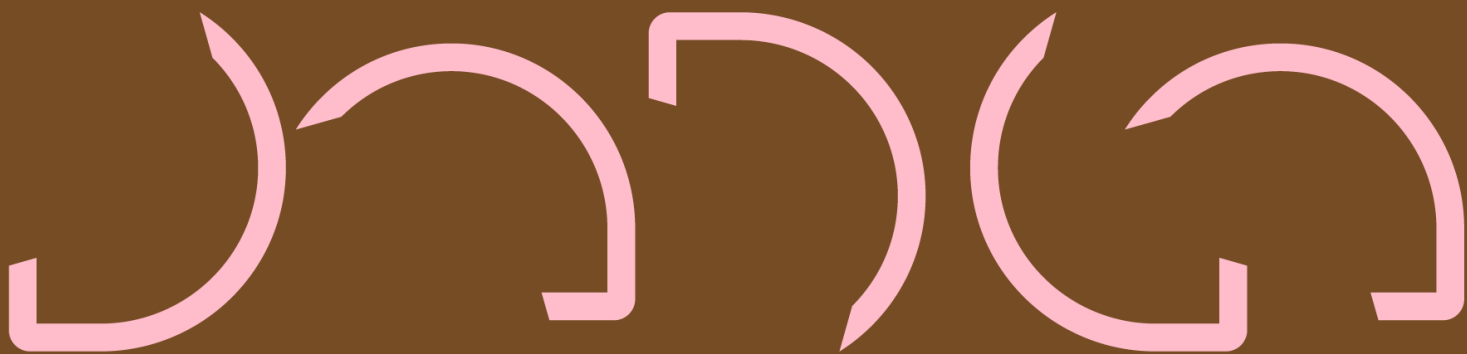
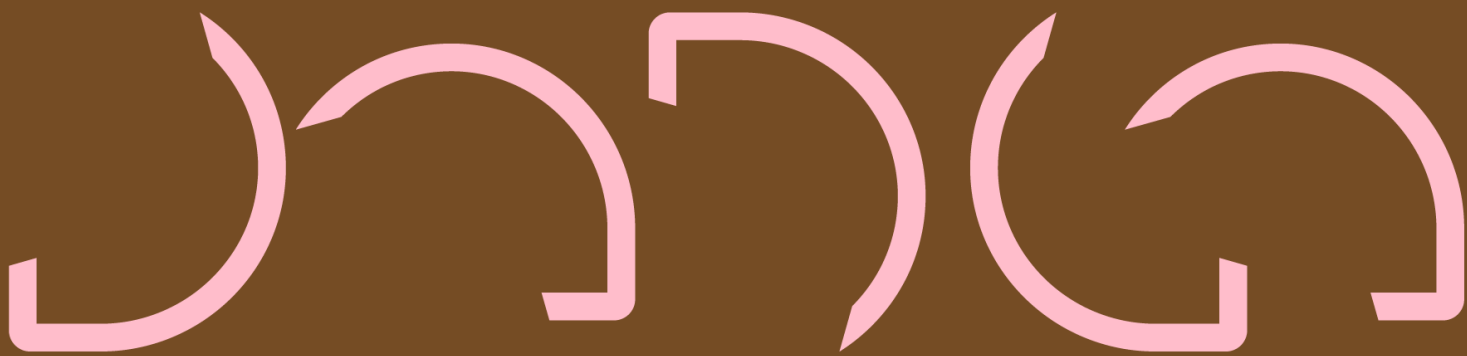
trabalho, mais feliz e verdadeiramente vocacionado é o profissional que aprecia e valoriza o potencial de cada ensaio”.

Ao concluir esta proposta, observamos que este dossiê- revista foi tramado pelo interesse de trazermos diversas perspectivas que contribuam para a reflexão sobre o tema “Dança e Política”. Evidencia-se nesse fim, que são muitas possibilidades de tecermos discursos, no qual vão nos relatando caminhos e caminharas na inserção da dança como produção de conhecimento.

Diante de um mundo tão polarizado em seus ideários políticos, este espaço de reflexão nos sugere outras possibilidades de convivência, advindas da nossa diversidade sublinhando ênfases em dança. Isso ocorre não por meio da similitude, mas sim pela valorização das diferenças e das plurissignificações. Nesses caminhos, em travessias diversas, buscamos um tempo outro. Assim, é necessário um olhar atento que nos permita perceber as nuances presentes nas criações deste dossiê, onde o aroma do tempo se manifesta nas produções que nos cercam, nos invadem e nos movem. Coisas que surgem do nosso envolvimento mútuo. Coisas de dança e política. Coisas...

Referências Bibliográficas

Haraway, Donna. **Quando as espécies se encontram**. Traduzido por Juliana Fausto. São Paulo: Ubu Editora, 2022.



REALIZAÇÃO



UFRJ

PPGDAN
UFRJ

Anda
associação nacional de
pesquisadores em dança